



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS REGIONAL DO VALE DO IVAÍ**

PAULO RICARDO DE OLIVEIRA

**O LAZER DOS ADOLESCENTES DE LUNARDELLI - PR:
CONTEXTOS E PERSPECTIVAS**

**IVAIPORÃ
2015**

PAULO RICARDO DE OLIVEIRA

**O LAZER DOS ADOLESCENTES DE LUNARDELLI - PR:
CONTEXTOS E PERSPECTIVAS**

Monografia apresentada ao curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em educação Física.

Orientadora: Prof. Ms. Paula Marçal Natali

**IVAIPORÃ
2015**

E aqueles que foram vistos dançando
foram julgados insanos por aqueles
que não podiam escutar a música.

Friedrich Nietzsche

PAULO RICARDO DE OLIVEIRA

**O LAZER DOS ADOLESCENTES DE LUNARDELLI-PR: CONTEXTOS E
PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado à UEM -
Universidade Estadual de Maringá -
como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado
em Educação Física.

Aprovado em _____ / _____ / _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Ms. Paula Marçal Natali
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Professora Ms. Andressa Pelói Bernabé
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Professor Dr. Eduard Ângelo Bendrath
Universidade Estadual de Maringá – UEM

DEDICATÓRIA

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus pais Lucinéia e Paulo, e também para minha irmã Géssica. Só lhes tenho há dizer muito obrigado por sempre acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

Ao cosmos, por ter possibilitado as devidas condições para a minha vinda a este mundo e pelos subsídios proporcionados até hoje para a manutenção de minha vida.

A esta universidade e seu corpo docente, que oportunizaram meu desenvolvimento pessoal, social e profissional.

A minha orientadora Paula Marçal Natali, pelo suporte e paciência em todas as nossas orientações e também pelos conselhos.

A minha família, amigos e namorada, pelo incentivo, amor e apoio incondicional. Especialmente minha mãe, guerreira que esteve sempre do meu lado.

Aos meus colegas de turma, pelas infindáveis conversas e pelas várias experiências que tive o prazer de desfrutar ao lado deles.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente influenciaram em minha formação.

RESUMO

Mesmo o lazer sendo um direito de todo cidadão brasileiro, a relação entre lazer e adolescência não se apresenta da mesma maneira para todos, principalmente quando levamos em conta a realidade social dos sujeitos. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar a constituição do lazer e as expectativas de lazer de um grupo de adolescentes praticantes de esportes coletivos moradores da cidade de Lunardelli – PR. Para tanto, fora realizada uma pesquisa de natureza qualitativa descritiva de campo. A amostra foi composta por 11 adolescentes do sexo masculino que fazem parte do time sub 17 do município de Lunardelli - PR. A partir do desenvolvimento da pesquisa foi possível constatar que as atividades de lazer praticadas pelos adolescentes são em sua maioria voltadas aos esportes, dentre os quais se destaca principalmente o futebol. As expectativas de lazer dos adolescentes também estão em grande parte relacionadas aos esportes, no entanto, aqui o enfoque se volta principalmente para o desejo de praticar natação e para formas de lazer consumo. Foi possível averiguar também que a realidade social exerce influência na forma como o sujeito vivência o lazer. O entrave socioeconômico e a falta de aparelhos e opções de lazer na cidade são motivos pelos quais os adolescentes tem dificuldade de desenvolver algumas atividades as quais anseiam. O que representa, de fato, que a realidade social de cada indivíduo interfere em sua forma de possuir o lazer.

Palavras chave: Lazer; adolescência; realidade social.

ABSTRACT

Even though leisure is a right for every Brazilian citizen, the connection between it and the youth does not appear the same way for all, especially when into account the social reality of the subjects. In this sense, this study aims to analyze the constitution and expectation of leisure of a group of teenagers practitioners of team sports in the city of Lunardelli-PR. For this purpose, a descriptive qualitative research was conducted, the sample was composed of 11 male teenagers that are part of the under-17 team of Lunardelli. From the progress of the research was possible to determine that leisure activities leisure related to sports are more disseminated among the youngsters, and amid those, soccer specially stands out. The prospect of leisure for these adolescents is also related largely to sports, however, the focus on this part changes to swimming and the forms of leisure related to consumption. It was possible to verify the social reality has a huge influence on the way someone experience leisure. The socioeconomic barrier, the lack of apparatus and options of leisure are the motive that the youth is prevented from performing activities they crave – which confirms, in fact, that the social reality of each individual interferes on the way leisure is presented.

Key words: Leisure; adolescence; social reality.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01 - Termo de consentimento livre e esclarecido para menores.

Anexo 02 - Roteiro para a realização das entrevistas semiestruturadas.

Anexo 03 - Parecer de aprovação do projeto de pesquisa no Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – COPEP.

Anexo 04 - Termo de autorização da Prefeitura Municipal de Lunardelli-PR permitindo que o pesquisador realize a pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

MNMMR - Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.

MMLC - Movimento de Mulheres na Luta por Creches.

FUNABEM - Fundação Nacional do Bem-Estar.

PNBEM - Política Nacional do Bem-Estar

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	17
3. METODOLOGIA	18
4. ADOLESCÊNCIA: CARACTERÍSTICAS, CONTEXTOS E LEGISLAÇÃO BRASILEIRA	23
4.1 CARACTERÍSTICAS E CONTEXTOS DA ADOLESCÊNCIA BRASILEIRA	23
4.2 DO CÓDIGO DE MENORES AO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA): A LEGISLAÇÃO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA NO BRASIL.....	26
5. LAZER: DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA COM A LITERATURA VIGENTE	32
5.1 LAZER: CONCEPÇÕES, CONFIGURAÇÕES E EXPECTATIVAS	32
5.2 LAZER, UM DIREITO DE TODOS?	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, a configuração do lazer dos adolescentes pode estar intimamente relacionada ao poder da mídia, uma vez que é notável o bombardeio de comerciais e propagandas que ela lança sobre os mais diversos temas, no entanto, os veículos midiáticos encontraram principalmente nas crianças e adolescentes uma grande fonte de lucro, e exploram a fundo esta categoria geracional que ainda encontra-se em desenvolvimento. Pode-se até pensar que esta relação mídia/juventude não cause nenhum problema, mas de acordo com Gomes (2004):

A repetição massificada desse contato prejudicado com o real compromete a autonomia da recepção e a qualidade da formação cultural produzida, gerando uma adaptação ao simplificado de tal modo que qualquer atividade que demande um esforço maior de preparação, de leitura, de reflexão e de interpretação é sumariamente desprezada, porque impossível de ser compreendida em toda a sua plenitude/complexidade (GOMES, 2004; p. 164).

Ou seja, para a autora, esse vínculo prolongado nada acrescenta positivamente ao receptor dessas informações trazidas pela mídia, muito pelo contrário, ele acaba, de certa forma, deixando os indivíduos menos reflexivos, de tal modo, que podem diminuir o interesse por atividades que exijam um determinado esforço reflexivo em sua realização.

No campo do lazer esse contato entre sujeito e mídia acaba por transformar o lazer em objeto de consumo, onde o indivíduo desenvolve um “fetiche” por aquilo que vê, dessa forma, “Os objetos não são mais comprados somente pelo seu valor de uso ou pela sua utilidade, mas também pela capacidade de preencher necessidades do ego, potencializadas pelos meios de comunicação de massa (GOMES, 2004; p. 48)”.

Reivindicações por políticas sociais mais justas acontecem frequentemente, políticas as quais atendam aos anseios da população pelo lazer em seu tempo livre. No entanto, quando o poder público não toma medidas necessárias para suprir essa necessidade humana, ele abre espaço para que o setor privado assuma esse papel. É neste momento que o lazer ganha características e aspectos de mercadoria, podendo ser desfrutado por aqueles que possuem um determinado poder aquisitivo e excluindo aqueles que não podem pagar. A capacidade financeira do indivíduo pode estar

relacionada a diversos fatores que, direta ou indiretamente, podem influenciar na “qualidade” do lazer deste indivíduo e em seu tempo livre para realizar tais atividades (PINHO, 2007).

O lazer por muitas vezes é pensado como uma atividade que qualquer indivíduo possa executar, onde a iniciativa para a realização do mesmo deve partir do próprio sujeito, como na concepção de Dumazedier, onde ele conceitua o lazer como:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações familiares, profissionais e sociais (DUMAZEDIER, 1973, apud PIMENTEL, 2010; p. 30, 31).

Porém, fica claro que na atual organização social em que vivemos essa definição de lazer não se enquadra (GOMES, 2004), uma vez que, por exemplo, com uma semana laboral de 40 horas, após desembaraçar-se das obrigações profissionais, o trabalhador quando chega em sua casa após mais um dia de trabalho, dificilmente se sente motivado em praticar atividades de lazer para desenvolver sua formação desinteressada e, sim, em dormir para descansar o suficiente pra enfrentar sua próxima jornada de trabalho, ou ainda cumprir com as tarefas domésticas.

Assim, não bastam apenas motivação e força de vontade para a sociedade desfrutar o lazer, pois, muitos não entendem sequer minimamente o conceito de lazer e se põe a refletir sobre ele, e que este é um direito necessário para a vida em sociedade, o que facilita e potencializa as características alienantes do trabalho e conseqüentemente do lazer na atualidade. A alienação não é o único fator que pode corroborar para levar o ser humano a não desfrutar cotidianamente do lazer, isso pode estar relacionada também a organização das cidades e, em decorrência disso, a falta de equipamentos de lazer é outro elemento que tem grande peso nessa “balança”, ora por falta de espaços adequados e profissionais que possam auxiliar e proporcionar atividades de lazer aos indivíduos, ora pela falta de condições monetárias para pagar pelas opções relacionadas ao lazer mercadorias que são desejadas pelo sujeito.

Os equipamentos de lazer, assim como sugerido por Camargo (1979) e Reiquia (1980) citados por Gomes (2004), podem ser entendidos e separados em duas categorias, os aparelhos específicos de lazer e os não-específicos; Os específicos são aqueles construídos com o objetivo primário de servirem de fato como espaço para desenvolvimento de atividades e programas de lazer, como praças, clubes, etc; enquanto por sua vez, os não-específicos são os espaços construídos para outras finalidades e que por um motivo ou outro acabam se configurando como um equipamento de lazer, como por exemplo o bar, a casa, a escola, a rua, etc.

Tendo em vista que a cidade de Lunardelli não oferece tantos espaços propícios para o desenvolvimento das práticas de lazer, é possível afirmar que para grande parte dos adolescentes as opções de atividades se limitem a jogar futebol, o que pode fazer com que o lazer perca seu caráter criativo, não pela atividade desenvolvida, mas, pela impossibilidade de conhecer e vivenciar outras experiências. De acordo com De Grazia, o lazer não deve ser pensado em relação ao tempo perante a atividade, mas, sim em conformidade com a atitude que o indivíduo toma durante a realização da mesma. Mesmo em um tempo desocupado, livre de obrigações profissionais e coerções sociais, se mal usufruído, este tempo pode não configurar-se como lazer, evidenciando assim, que, apenas o “tempo” não é suficiente para a vivência do lazer (DE GRAZIA, 1962; apud PIMENTEL, 2010). Contudo, Gomes (2004) nos trás uma definição mais contemporânea do que a apresentada por Dumazedier, para ela o lazer pode ser compreendido como uma:

[...] dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um espaço/tempo conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004; p. 125).

A autora considera então que existem “relações dialéticas” entre o lazer e as outras esferas da vida humana, como por exemplo, o trabalho, citado por ela. Esta é uma perspectiva que considera o funcionalismo da vida humana em sociedade na atualidade, levando em conta aspectos como o de que perturbações na esfera do trabalho podem causar, conseqüentemente, perturbações na esfera do lazer, e vice versa. O que nos remete a reflexão de

que estas esferas de nossas vidas estão conectadas e as ações em uma delas exerce influência na outra (GOMES, 2004).

Após ter o contato com a disciplina Teorias do Lazer no terceiro ano do curso de licenciatura em educação física, tive a oportunidade de conhecer alguns dos conceitos e ideias sobre o lazer apresentados acima e passei a lançar sobre o ele uma perspectiva muito diferente da anterior, e, levando a constatação que esta temática deve ser explorada para além da opinião de senso comum e corriqueira.

Como morador da cidade de Lunardelli – PR vejo a necessidade da produção de um trabalho voltado ao lazer de determinado grupo de adolescentes da cidade, podendo assim, verificar se eles realizam atividades de lazer, se possuem tempo adequado para o mesmo, e o que estes sujeitos compreendem por lazer, pois a partir desta compreensão, será possível identificar como se constitui esta dimensão da vida destes adolescentes e qual seu entendimento e expectativas sobre o mesmo. Identificar também se o grupo de jovens possui os espaços necessários para a realização de atividades de lazer.

No entanto, tendo em vista que a cidade não oferece tantos espaços e nem profissionais que possam propiciar o lazer aos moradores e, sabendo da importância do mesmo e da escassez de trabalhos científicos que tratam desse tema em Lunardelli, me vi motivado a constituir minha monografia abordando essa temática, pois não só os moradores de Lunardelli, mas a sociedade num todo precisa discutir e refletir sobre esta questão, já que ele é um direito de todos, segundo o art.. 6º da constituição brasileira, que diz:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL; p. 19)

Direito esse que é garantido também pelo ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, legislação que versa sobre a categoria geracional pertinente ao estudo, que em seu art. 59. nos traz que:

Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações

culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude (BRASIL, 1990, p. 42).

Este direito, porém, pode estar sendo negligenciado às pessoas, dentre elas os adolescentes, ora por possuírem uma extensa carga de trabalho, ora por falta de opções acessíveis, e este estudo tem por objetivo mostrar como se configura o lazer de adolescentes hoje. A produção de conhecimento, como este trabalho, vislumbra proporcionar a compreensão e o entendimento sobre determinados temas, que podem contribuir com o aumento do arcabouço teórico científico que trata esta temática e propicia subsídio para que a sociedade crie conceitos mais sólidos sobre estes temas, no caso o lazer, e também sobre a sua importância.

Sabendo disso, constitui-se o problema desta pesquisa: como se configura o lazer e quais as expectativas sobre o lazer de um grupo de adolescentes praticantes de esportes coletivos moradores da cidade de Lunardelli – PR?

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar a constituição do lazer e as expectativas sobre o lazer de um grupo de adolescentes praticantes de esportes coletivos moradores da cidade de Lunardelli – PR.

Objetivos Específicos

- Identificar o que os adolescentes praticantes de esportes coletivos moradores da cidade de Lunardelli - PR entendem por lazer e suas expectativas sobre esta dimensão da vida humana;

- Diagnosticar quais atividades de lazer são praticadas pelos adolescentes praticantes de esportes coletivos moradores da cidade de Lunardelli – PR em seu tempo livre;

- Estudar as possíveis relações entre realidade social, tempo livre e lazer vivenciado pelos adolescentes praticantes de esportes coletivos da cidade de Lunardelli-PR.

3. METODOLOGIA

O estudo se caracteriza por qualitativo, pois visa analisar as falas de adolescentes sobre determinado tema, de forma que os dados não podem ser quantificados ou medidos em números, necessitando assim de um trabalho de cunho qualitativo.

A pesquisa qualitativa é interpretativa e descritiva, pois o pesquisador tem sua atenção voltada ao processo e não somente aos resultados e os produtos gerados na pesquisa. Utilizando-se desta abordagem, o pesquisador deve formular questões que estimulem os pesquisados a pensarem livremente sobre determinado assunto, para que dessa forma ele possa alcançar, dentro de suas respostas, a maior gama de possibilidades a respeito do tema tratado (MINAYO, 2013).

A pesquisa qualitativa é especialmente coerente quando os problemas abordados necessitam de respostas que se caracterizam em “comos” e/ou “porquês”. Esta forma de pesquisa deve ser empregada quando buscamos percepções e entendimentos sobre a natureza geral de um tema, abrindo as portas para a interpretação do pesquisador (NETO, TRIVIÑOS, 2010).

Para Minayo, na pesquisa qualitativa, o campo pode ser definido como “[...] o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação” (MINAYO, 2013; p. 201). A ação de pesquisar traz consigo a necessidade do diálogo entre o pesquisador e a realidade, ou, pelo menos, um fragmento dela, e é no campo que ocorre esse encontro.

A população do presente trabalho é composta por um time de futebol com vinte e um (21) participantes, todos adolescentes. Dentre estes vinte e um (21) adolescentes, foram escolhidos onze (11), através de um sorteio, para compor a amostra do estudo. A população da pesquisa é representada por atletas de até dezessete (17) anos, moradores da cidade de Lunardelli - PR. O time é organizado pela Prefeitura local, e disputa seus jogos representando a cidade.

Há princípio fora decidido que seriam sorteados quinze (15) dos vinte e um (21) atletas para compor a amostra, entretanto, devido a dificuldade encontrada para marcar as entrevistas com os adolescentes, pois a maioria

deles não compareciam nos locais combinados, e também ao estreitamento do tempo para a entrega da monografia, acabou por ser definido que seriam apenas os onze (11) que já haviam sido entrevistados.

Para a coleta dos dados utilizamos um gravador de áudio (celular). Também foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, baseado nas principais categorias da pesquisa: lazer e adolescência.

Para o processo de coleta de dados realizamos entrevista semiestruturada, que foi organizada a partir de um roteiro antecipadamente montado, abordando todos os tópicos essenciais acerca do tema tratado e, subsidiando ainda, flexibilidade por parte do pesquisador em conduzir a entrevista, podendo explorar pontos que de antemão não foram pensados e que surgiram no decorrer da entrevista (MINAYO, 2013).

É semiestruturada quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa (NETO, TRIVIÑOS, 2010; p. 76).

É possível compreender, em geral, a entrevista semiestruturada como elemento que parte de questionamentos mais simples, amparados por teorias e linhas de pensamento pertinentes à pesquisa, e que, no desvelar da entrevista oferece uma ampla gama de interrogativas, que surgem à medida em que se recebe as respostas do entrevistado. Sendo assim, o entrevistado pode seguir livremente sua linha de raciocínio dentro do foco principal proposto pelo investigador (TRIVIÑOS, 1987).

[...] O processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações. As ideias expressas por um sujeito numa entrevista, imediatamente analisadas e interpretadas, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar aprofundadamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial que originou o estudo. Não obstante o que anteriormente foi expresso, a Coleta e a Análise de Dados são tão vitais na pesquisa qualitativa, talvez mais que na investigação tradicional, pela implicância nelas do investigador, que precisam de enfoques aprofundados (TRIVIÑOS, 1987; p. 137).

Ao término de cada entrevista, os diálogos foram transcritos e ficaram salvos em formato de áudio e também de texto corrido no programa de computador Microsoft Word 2013 e posteriormente descartados.

Para a análise dos dados obtidos a partir da entrevista semiestruturada foi utilizada a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977), que busca por meio de um conjunto de instrumentos metodológicos investigar um discurso, ou mais especificamente para esta pesquisa, as respostas que foram derivadas da entrevista semiestruturada. Sendo assim, através da análise de conteúdo o pesquisador visará encontrar aquilo que poderá estar subentendido na fala do pesquisado, aquilo que vai além das aparências e pode estar nas estrelinhas do discurso, a fim de inferir significado e/ou fazer uma correlação com as respostas advindas de outros pesquisados (BARDIN, 1977).

Utilizamos a análise de conteúdo, pois neste tipo de análise o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem. Na abordagem qualitativa, o que serve de referencial para a análise de conteúdo é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977).

As categorias utilizadas para a análise dos dados foram pré-definidas, ou seja, foram definidas antes da coleta dos dados. São elas a categoria do Lazer, Adolescência e o Lazer Como Direito.

O presente projeto de pesquisa foi submetido ao crivo do comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá e foi aceito, sob o número 43117315.7.0000.0104, permitindo ao pesquisador dar início a sua coleta de dados.

Não encontramos dificuldade no contato inicial com os adolescentes, sujeitos da pesquisa. Em uma quarta-feira, dia 21 de outubro de 2015, era dia de treino de futebol dos adolescentes e então fui até o campo para falar com eles. Neste dia estavam quase todos os adolescentes que compõem a população da pesquisa, dos vinte e um que representam todo o universo estudado, estavam dezenove. Por já ter combinado previamente com o treinador, assim que eles tiveram um intervalo em seu treino eu os reuni e

expliquei sobre o meu estudo e qual era o meu objetivo e também resumidamente meu processo metodológico e onde eles se encaixariam. Todos eles concordaram em participar, e então lhes foi explicado que haveria um sorteio e que apenas onze (11) deles seriam entrevistados.

No mesmo dia entrei em contato por telefone com os dois adolescentes que não estavam no treino, e ambos concordaram em participar da pesquisa. Dois dias depois, no dia 23 de outubro, retornei ao treino dos adolescentes e realizei o sorteio que delimitou quem seriam os 11 integrantes da pesquisa. Os onze primeiros a serem retirados foram os sorteados a participar da pesquisa. Posteriormente, o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) foi entregue aos adolescentes que foram sorteados e estavam presentes no treino. E para os três sorteados que não foram treinar naquele dia o TCLE foi entregue em suas respectivas casas no mesmo dia. Todos os TCLE foram recolhidos antes da realização das entrevistas.

Dos onze (11) entrevistados, apenas cinco (5) deles apareceram para a entrevista no local e hora marcada. Com estes cinco as entrevistas foram realizadas no Colégio Estadual Geremia Lunardelli, onde eles estudam, em uma sala disponibilizada pela direção do colégio, nos dias 28 e 29 de outubro de 2015. Importante ressaltar que as entrevistas aconteceram sempre no contra turno escolar dos adolescentes, para não atrapalhar suas atividades educacionais desenvolvidas na escola.

O processo de coleta de dados teve dificuldades, principalmente pelo fato de que alguns dos adolescentes não compareciam para as entrevistas nos horários e locais marcados. Com um deles, por exemplo, foi preciso marcar quatro vezes a entrevista e em nenhuma destas ele compareceu, sendo possível entrevista-lo apenas ao fim do treino de futebol que eles efetuam no campo. A entrevista foi realizada no vestiário do campo de futebol, no dia 06 de novembro de 2015, e a partir de então, todas as outras cinco entrevistas foram executadas no mesmo lugar e passaram por este mesmo processo. A diferença foi que com os cinco adolescentes restantes as entrevistas foram agendadas para os dias seguintes, sempre ao final do treino.

Na discussão dos dados, onde as falas dos adolescentes são apresentadas e relacionadas com a literatura que dá subsídio a pesquisa, serão encontrados os seguintes nomes: “Pelézinho”, “Zico”, “Bebeto”, Rivelino”,

“Zinedine”, “Messi”, “Pepe”, “Coutinho”, “Ronaldinho”, “Romarinho” e “Neymar”. Estes nomes representam os integrantes da pesquisa, para garantir o anonimato e a proteção da integridade dos adolescentes optamos por utilizar nomes de atletas consagrados no futebol ao invés de seus verdadeiros nomes.

Os anexos estão dispostos nas páginas finais do presente trabalho, logo após as referências. O anexo 01 é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual todos os adolescentes que participaram da pesquisa, juntamente com seus pais ou responsáveis, tiveram que assinar obrigatoriamente. O anexo 02 ilustra o roteiro utilizado para a entrevista semiestruturada. Já o anexo 03 contempla o parecer de aprovação do projeto de pesquisa no Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Enquanto o anexo 04 esboça o termo de autorização da Prefeitura Municipal de Lunardelli-PR, o qual permite que o pesquisador realize sua pesquisa com os adolescentes.

4. ADOLESCÊNCIA: CARACTERÍSTICAS, CONTEXTOS E LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Neste capítulo trataremos da atual situação da adolescência em nosso país, apresentando ideias e conceitos sobre a mesma. Em seguida, será apresentada a trajetória histórica pela qual passaram as leis voltadas à adolescência no Brasil, até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

4.1 CARACTERÍSTICAS E CONTEXTOS DA ADOLESCÊNCIA BRASILEIRA

Este item tem por objetivo apresentar elementos sobre o atual panorama da adolescência no Brasil de acordo com autores da área, bem como fornecer algumas informações sobre a adolescência.

Em meio à sociedade moderna, emerge a adolescência, que pode ser vista como uma fase fortemente marcada pelo vigor, liberdade e ousadia, característica que se aproxima da juventude. No entanto, paralelamente a essa perspectiva que exalta algumas das qualidades da adolescência, existe também toda uma retórica do medo em face há uma fase vista como problema social a ser resolvido (LYRA et. al, 2002).

Quando analisada cronologicamente, a adolescência é tida como antecessora imediata da juventude, separada por uma linha tênue que procede a infância. Para se falar de adolescência parece nos coerente utilizar-se dos aspectos biológicos que permeiam esta complexa fase, mas, os interesses deste estudo não se voltam ao que se refere ao quesito biológico, desprendendo-se do orgânico, voltando os esforços ao campo dos sentidos relacionados à construção social na qual a adolescência está inserida nos dias de hoje e o caminho trilhado para se chegar até aqui.

Em termos gerais, as ideias em relação a esse período da vida nos dias atuais associam-se a uma noção de irresponsabilidade, crise de identidade e desordem que merece atenção direta do estado. O enfoque de risco, desta maneira, aparece através de preocupações como o perigo da inserção do adolescente no mundo das drogas, o risco frente à vida gerado pela alta taxa de violência, e o temor quanto há possibilidade de gravidez precoce ou, até mesmo, o alto risco de se contrair doenças sexualmente transmissíveis,

impulsionado pela falta de instruções e também pelo fato de os adolescentes ignorarem estes avisos cruciais (LYRA et. al, 2002).

É de suma importância ressaltar que tais indivíduos tem seus direitos garantidos pela nossa constituição e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). O segundo coloca como dever do poder público “a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude” (BRASIL, 1990; p. 42). Conteúdos estes que na teoria devem promover o desenvolvimento sociocultural, capaz de propiciar uma maior noção reflexiva e aprimoramento das capacidades críticas do sujeito. Todavia, o que nota-se em grande parte das ações do estado voltadas há essa porção da sociedade, são políticas públicas caracterizadas por um viés de preocupação atrelada à uma forma de controle das atividades desenvolvidas por esta categoria geracional, assim como afirmam Lyra et. al. (2002, p. 12):

Cria-se, assim, uma relação lógica de causa e efeito: se o adolescente é uma fonte potencial de problemas sociais e um risco constante a si mesmo e à sociedade, torna-se preciso prevenir a sua exposição a determinados fatores, como, por exemplo, a gravidez. Indo mais a fundo, vê-se subliminarmente a emergência de um discurso heteronômico no qual o(a) adolescente é desprovido(a) de sua positividade, em detrimento de um padrão que tem como referência a vida adulta. Por um malabarismo retórico termina-se por quase se afirmar que é preciso prevenir a adolescência, tal qual concluem ironicamente Medrado & Lyra (1999) que, tomando a gravidez na adolescência como objeto de análise, afirmam: “não nos surpreenderia se um dia ouvíssemos em uma palestra ou lêssemos em um projeto de pesquisa e/ou intervenção a expressão *prevenindo a adolescência*” (p. 230).

Comumente não se ouve tal expressão, entretanto, é possível apontar que em parte dos programas de assistência aos jovens existe uma premissa que os toma como problemas, acreditando serem necessárias ações que visem uma reintegração dos sujeitos à dinâmica e ordem social, através de possibilidades como capacitação profissional e o “uso correto do tempo livre”.

Buscando potencializar a discussão sobre os direitos da adolescência no país, Natali (2009) aponta que surgiram diversos grupos no Brasil na década de 80 que buscavam reivindicar seus direitos básicos, tais grupos mobilizaram-se em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, eram eles: o Movimento de Mulheres na Luta por Creches, a Pastoral da Criança e o

Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMRR). A força gerada por estes grupos em manifestações sociais levaram à criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com a criação do ECA, foram tomadas atitudes concretas em relação a proteção integral de crianças e adolescentes. Junto à organizações não-governamentais (Ongs), foram pensadas pelo estado políticas de atendimento para esses sujeitos. Porém, a autora ressalta que sobre as instituições e programas que atendem crianças e adolescentes das classes populares:

[...] é preciso refletir sobre como as práticas educativas dessas organizações têm promovido a emancipação das classes populares ou estão apenas funcionando como instituições promotoras da adaptação social e dominação ideológica (NATALI, 2009; p. 19).

Diversas instituições e programas no Brasil atendem às crianças e adolescentes no contra turno escolar, quando estes estão inseridos na escola. Os indivíduos passam horas por dia nestas instituições, onde desenvolvem na maioria das vezes atividades artísticas, de lazer e esporte. Agora, colocando em debate o “uso correto do tempo livre”, é possível notar então uma preocupação com as crianças e adolescentes, de fato, mas não podemos deixar de nos questionar se esses atos não estão apenas servindo de máscara para ações coercitivas, que tem como intuito limpar as ruas de sujeitos que são vistos pelo Estado como delinquentes/infratores em potencial, muitos destes programas também visam a profissionalização precoce dos adolescentes a fim de formar mão de obra mais rentável (NATALI, 2009).

De acordo com documento da Conanda (2000), mesmo o Brasil estando entre as dez maiores economias do mundo naquele período, a distribuição da renda no país estava entre as piores. Neste documento é relatado que “[...]1% da população mais rica detém 13,9% da renda, enquanto 40% dos mais pobres contam com apenas 8,9% do total da mesma (CONANDA, 2000, p. 17)”. Sendo assim, percebemos que existe um “abismo” financeiro entre as classes sociais em nosso país.

Segundo levantamento do IBGE em 2011 a população de 0 a 17 anos representava no Brasil 28,7% da população total. Estes 28,7% representam cerca de 50 milhões de pessoas em nosso país.

Mostra-se importante enfatizar que com este recorte literário não está se construindo uma crítica generalizada quanto aos trabalhos realizados com adolescentes, pretende-se, na verdade, apontar para essa problemática a fim de promover a discussão e difusão do tema podendo contribuir para a construção de ações mais efetivas, principalmente pelo motivo de esta classe de nossa sociedade ser constituída por tantas pessoas.

4.2 DO CÓDIGO DE MENORES AO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA): A LEGISLAÇÃO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA NO BRASIL

Neste item buscaremos expressar a trajetória percorrida pelas leis voltadas para as crianças e adolescentes em nosso país até a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, partindo da compreensão de que as construções sobre leis e direitos influenciam diretamente nas concepções e políticas desenvolvidas para estas categorias geracionais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado no ano de 1990, composto por um conjunto de leis que garantem a intervenção e proteção do Estado, da sociedade e da família na vida das crianças e adolescentes no Brasil, buscando a garantia de seus direitos, efetivados também pela Constituição Federal de 1988.

As leis voltadas aos adolescentes no Brasil passaram por um longo processo histórico, marcado pelo assistencialismo e políticas que procuravam limpar as ruas de “marginais em potencial”. A primeira conjuntura de leis especificamente direcionada a esta parte da sociedade, as crianças e adolescentes, data do ano de 1927, chamada de Código de Menores, também conhecido como Código Mello Mattos, que afirmava as leis de assistência e proteção aos indivíduos de até dezoito anos de idade (CONANDA, 2009).

Contudo, podemos verificar em períodos anteriores da história diversas leis que foram aparecendo na legislação correspondente a suas épocas de criação e que também contribuíram na consolidação do que hoje é representado pelo ECA. Como por exemplo, o que seja provavelmente a primeira introdução de uma lei do estado voltada estritamente as crianças e adolescentes, na legislação que comandava a vida dos brasileiros, no ano de

1693, período em que o Brasil era colônia de Portugal. Diz respeito à Carta Régia que obrigava o governador do Rio de Janeiro a responsabilizar-se pelas crianças em desamparo ou abandonadas, colocando-as à disposição da Câmara ou do Conselho (CONANDA, 2009).

Diversas leis surgiram desde então, influenciadas em sua maioria pelo processo no qual a sociedade passava no período histórico de sua criação. Até o início do século XIX, as crianças e adolescentes recebiam as mesmas formas de punições que os adultos, ações essas que eram subsidiadas por medidas punitivas contidas nas Ordenações do Reino de Portugal, consideradas bárbaras pelos historiadores. Toda via, em 1830 é criado o Código Penal, considerado um marco na história, pois revogou os limites punitivos estabelecidos pela coroa portuguesa. Foi então implantado, pela primeira vez na legislação brasileira, um limite de responsabilidade penal, válido a partir dos quatorze anos de idade. Vale ressaltar que existiam algumas condições, como a de que seria garantida a inimputabilidade aos menores de quatorze anos, com exceção dos que comprovadamente tivessem agido com discernimento. Os que julgados condenados a partir de então não teriam penas criminais, mas seriam levados para Casas de Correção (SANDRINI, 2009).

No Código Criminal é possível enxergar o que seja talvez o início da preocupação do Estado para com estes sujeitos, mas, o descaso e o assistencialismo ainda estavam imbricados nas políticas daquele momento histórico, que visavam prioritariamente o recolhimento de crianças órfãs das ruas. Este papel era da Igreja Católica, que de certa forma foi terceirizado pelo governo, pois o Estado fornecia dinheiro público para efetuação de tal tarefa (SANDRINI, 2009).

Neste período nota-se também a existência e a criação de leis que normatizavam a educação dos jovens, o que marca o reconhecimento da educação como um fator contribuinte para alavancar uma sociedade mais organizada e socialmente mais justa.

A lei mais marcante que precede a criação do Código de Menores está relacionada à escravidão, a Lei do Ventre Livre. A partir de meados do século XIX o movimento abolicionista da escravidão começa a ganhar força. Sendo assim, temas ligados à escravidão começaram a tomar corpo e, conseqüentemente, foram criadas leis que também diziam respeito às crianças

e adolescentes negros. Como por exemplo, “Em 1860, o Senado aprova uma lei na qual consta, dentre outras coisas, a proibição da separação de pais e filhos e de marido e mulher, em qualquer venda de escravos” (SANDRINI, 2009; p. 29). Entretanto, a lei do Ventre Livre foi a mais impactante, pois foi ela a responsável pela extinção gradativa da escravidão e que, direta ou indiretamente, culminou na abolição da escravatura em 1888.

O final do século XIX e início do século XX foram marcados por uma transformação morfológica na sociedade, em que os cidadãos começaram a sair de suas casas nos sítios e mudaram-se para os grandes centros urbanos, uma vez que a forma de produção passou a ser a industrial, que desencadeou de vez a transição dos sítios e fazendas para a organização da vida nas cidades. Tais transformações geraram impacto direto no cotidiano dos indivíduos, principalmente porque as mudanças aconteceram tão rapidamente que as adequações necessárias quanto à infraestrutura, saúde e segurança, não foram capazes de caminhar na mesma velocidade. Estas implicações alcançaram também a vida de crianças e adolescentes, que acarretou diretamente em um maior número de crianças e adolescentes pobres perambulando pelas ruas (SANDRINI, 2009).

De acordo com documento da Conanda (2009; p. 15):

Entre o final do século XIX e início do século XX, na passagem da Monarquia para a República, ocorreu um fenômeno de explosão demográfica no Brasil. O número de habitantes triplicou, passando de 10 para 30 milhões. Essa passagem foi extremamente importante para a história da legislação brasileira em relação à criança. As pessoas com menos de 19 anos de idade representavam 51% da população.

Conseqüentemente, a violência e a marginalização juvenil começaram a aumentar gradativamente e, desta maneira, o governo buscava soluções para este problema.

No calor dessas discussões e diante do aumento da criminalidade juvenil, várias tentativas de implantação de uma legislação específica de menores foram feitas, sem que houvesse por parte do Congresso aprovação ou sequer discussão. Como diz o jurista Francisco Pereira Bulhões de Carvalho (1980, p. 9): ‘Os primeiros anteprojetos fracassaram e foram elaborados por Lopes Trovão, em 1902, Alcino Guanabara, em 1906 e 1917, João Chaves, em 1912, Alfredo Pinto e Francisco Vaz (SANDRINI, 2009; p. 34).

Foram criados diversos projetos que empunhavam medidas que buscavam extinguir ou, pelo menos, amenizar a violência dentre os meninos de rua que vinha se atenuando cada vez mais. No entanto, muitas foram falhas, até que o país passou por um momento profícuo em relação às leis acerca dos jovens, que se deu de 1923 até 1927, quando foi criado no ano de 1921 e consolidado o primeiro Código de Menores no ano de 1927, que possuía características correcionais e higienistas (CONANDA, 2009).

Como afirma Natali (2009; p. 20), “[...] desde o início do século XX, o atendimento às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social era carregado de estratégias de controle e de repressão”. O panorama não mudou muito com a promulgação do Código de Menores, pois em mesma proporção o Estado buscava proteger a criança, da mesma forma em que protegia a sociedade da criança que representa um perigo em “potencial”.

Contudo, lança-se prioritariamente o olhar preocupado sobre parte das crianças e adolescentes, os considerados “abandonados” e/ou “delinquentes”. De acordo com Machieski (2013; p. 41) “esta tipificação do discurso judiciário – *menor abandonado, menor delinquente e menor trabalhador* – foi adotada pelo discurso jornalístico” e perpetua-se até os dias de hoje.

Sandrini (2009; p. 41) nos apresenta algumas das leis fixadas com o decreto de 1927:

Consolidado em 1927, através do decreto nº 17943, o Código de Menores mantém e incorpora conteúdos das leis já existentes, tais como a manutenção do Juizado Privativo de Menores, a elevação da irresponsabilidade penal para a idade de catorze anos, a implantação de processo especial para infratores menores entre catorze e dezoito anos, a regulamentação do trabalho de menores, o estabelecimento de competência ao juiz para atuar e intervir em relação ao pátrio-poder, e a fixação de uma estrutura racional para os internatos dos Juizados de Menores, criados junto a esses, serviços técnico-científicos.

Importante voltar os olhos para dois pontos específicos. O primeiro é de que deste momento em diante existe uma regulamentação sobre o trabalho para os menores de dezoito anos. Algo extremamente necessário naquele período, pois segundo Esmeralda Moura (apud MORELLI, 2002), o contingente de pessoas abaixo de dezoito anos de idade trabalhando no setor têxtil, representou, nas primeiras três décadas do século XX, 30% dos trabalhadores.

No entanto, esta lei não surtiu tanto efeito, principalmente porque sua efetivação esbarrava na falta de medidas de fiscalização nos estabelecimentos que se utilizavam desta mão de obra. Outro ponto que merece atenção é o de que o Estado, agora republicano, tem seu papel explicitado quanto às crianças e adolescentes.

Como citado por Rizzini (1993, apud MACHIESKI, 2013; p.40), foi aprovado o “[...] regulamento da assistência e proteção aos menores abandonados e delinquentes”. Este foi um grande passo, pois a criança e o adolescente nestas situações passam a ser responsabilidade também do Estado. Nesta fase, a criança é vista como tal, deixando de lado aquela perspectiva de “pequeno adulto”. De acordo com a nova legislação vigente, as ações do governo perderiam suas características punitivas e passaria a adquirir um caráter de proteção, não se utilizando mais da repressão, que fora substituída pela educação (MORELLI, 2002).

Na década de 1960, temos a marca do golpe militar no cenário político brasileiro. Neste contexto, no ano de 1964, mesmo ano do golpe, foi criada a Fundação Nacional do Bem-Estar (FUNABEM), que tinha suas ações embasadas no autoritarismo, tendo como grande objetivo a formulação e a implantação da Política Nacional do Bem-Estar (PNBEM) (MACHIESKI, 2013). As leis embutidas neste decreto de 1927 vigoraram por mais de sessenta anos, vindo a sofrer alterações apenas no ano de 1979, quando foi reformulado o Código de Menores. Tal reformulação contribuiu para um aumento das características autoritárias da FUNABEM. Sendo assim, como citado por Natali (2009), o governo prestava atendimento às crianças em situação de vulnerabilidade social, toda via, isto acontecia em locais inapropriados e sem políticas educacionais adequadas. Mesmo com a alteração no Código de Menores, manteve-se ainda uma visão sobre as crianças e adolescentes que os caracterizavam como “incapazes”, “menor” e “delinquente” (BARTIJOTTO, 2014).

Com a reformulação do Código de Menores do ano de 1979 o panorama de assistencialismo e descaso com as crianças e adolescentes não se alterou e na década de 80, com a transição do militarismo para uma sociedade democrática, surgiu uma faísca de esperança, o país abria então a possibilidade de mudança de um paradigma corretivo de políticas para um

paradigma de educação para infância e adolescência. Neste contexto, diversos grupos no Brasil que trabalhavam com esta população, buscavam reivindicar seus direitos básicos, tais grupos mobilizaram-se em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, eram eles: o Movimento de Mulheres na Luta por Creches, a Pastoral da Criança e o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR). A força gerada por estes grupos em manifestações sociais levaram à criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com a criação do ECA, foram tomadas atitudes concretas em relação a proteção integral de crianças e adolescentes (NATALI, 2009).

A história da infância e da adolescência no Brasil é marcada pelo assistencialismo, por paradigmas punitivos e pelo descaso. A partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente iniciou-se um processo de evolução nas concepções de infância e adolescência, buscando deixar para trás a visão do adolescente e da criança como “mini adultos”, e que passem agora a ser tratados como sujeitos de direito. Dentre estes direitos, está o lazer, alvo de estudo desta pesquisa, e tema a ser debatido e discutido no próximo capítulo.

5. LAZER: DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA COM A LITERATURA VIGENTE

Neste capítulo discutiremos sobre o lazer dos adolescentes constituintes da pesquisa relacionando tais dados com as fontes literárias que dão base para este trabalho. Serão apresentadas as concepções dos adolescentes em relação ao lazer, como se configura esta dimensão de suas vidas e quais as suas expectativas. Posteriormente, buscaremos estabelecer uma conexão entre o lazer e a realidade social dos indivíduos.

E por fim, iremos propor uma ideia que consideramos que possa agregar um valor positivo na criação de novas políticas voltadas para a categoria geracional aqui estudada, a adolescência.

5.1 LAZER: CONCEPÇÕES, CONFIGURAÇÕES E EXPECTATIVAS

Neste item estabeleceremos as relações encontradas entre as produções teóricas da área do lazer e as falas dos adolescentes participantes da pesquisa, bem como faremos uma análise sobre como se configuram o lazer e as expectativas de lazer dos mesmos.

O lazer hoje é visto por alguns autores da contemporaneidade como uma dimensão da cultura ou como a própria cultura vivenciada no tempo livre ou liberado do trabalho. No entanto, antes de apresentar tais autores e concepções, se mostra imprescindível considerar a definição de Dumazedier (1973, apud PIMENTEL, 2010), um dos pioneiros e principais estudiosos da área no Brasil. Para ele, o lazer pode ser entendido como um “Conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade”, e que para isso precisamos nos desvencilhar das obrigações familiares e sociais.

Entretanto, a concepção de lazer empregada por Dumazedier descarta dois fatores primordiais, o primeiro deles e, particularmente, o mais importante é que ele situa o lazer em contraposição as necessidades da vida cotidiana do sujeito, inclusive o trabalho. O segundo fator é que o autor negligencia o ócio como opção de lazer, conceituando o mesmo como “conjunto de ocupações”, excluindo a possibilidade da manifestação do ócio, do não fazer nada, nos momentos de lazer (PIMENTEL, 2010).

Seguindo esta linha de pensamento, não seria possível considerar como lazer o que “Pelézinho” (um dos integrantes da pesquisa) conceituou como lazer para ele. Quando questionado sobre o que era o lazer, ele respondeu *“Ah, pra mim é me divertir, descansar... sem trabalho, sem esforço.”* Desta maneira, na perspectiva de Dumazedier, esta seria uma conceituação equivocada sobre o que é lazer.

Todavia, diante da evolução dos estudos da sociologia do lazer, podemos apontar que a concepção de Pelézinho se enquadra no entendimento de lazer, de acordo com os escritos de Gomes (2001), é comum encontrarmos o significado de lazer como o inverso de nossas obrigações, principalmente a obrigação do trabalho produtivo. Assim, a autora relata que corriqueiramente o lazer se dará para algumas pessoas na forma de “não trabalho”, um tempo desocupado ou um tempo dedicado à recuperação das energias consumidas na rotina do dia-a-dia.

Dentre todos os pesquisados, Pelézinho é o único que possui um trabalho que podemos considerar convencional, pois tem salário e horários estabelecidos, bem como é o único que trabalha de segunda à sexta regularmente. Coincidentemente ou não, ele também foi o único que relacionou o seu conceito de lazer a uma forma de descanso.

É necessário destacar que na vida cotidiana, levando em conta nossa atual organização socioeconômica, nem sempre existirão fronteiras absolutas entre o lazer, o trabalho, obrigações profissionais, familiares, políticas e sociais. Pois, diferente do que a concepção de Dumazedier nos leva a pensar, essas dimensões da vida humana não são neutras, estanques ou desconectadas (GOMES, 2004). Com base nisso, torna-se imprescindível refletirmos se Pelézinho teria essa mesma concepção sobre o lazer se ele não trabalhasse. Uma vez que as dimensões de nossas vidas (lazer e trabalho) estão conectadas, o fato de Pelézinho já trabalhar pode exercer influência no que ele considera como lazer.

Gomes (2004) nos mostra ainda que trabalho e lazer, apesar de possuírem características muito distintas, integram a mesma dinâmica social e formam relações dialéticas; sendo necessário considerar o dinamismo desses fenômenos, voltando os olhares para as inter-relações e contradições que ambos apresentam. A autora complementa ainda que, trabalho e lazer não são

polos opostos e antagônicos, mas que representam as faces distintas de uma mesma moeda.

Segundo ela, o lazer é uma dimensão cultural construída socialmente a partir de quatro elementos inter-relacionados: tempo; espaço-lugar; manifestações culturais; ações. A definição que Gomes (2004) usa para o lazer se apresenta mais atual que a de Dumazedier, pois ela leva em conta o funcionamento de nossa sociedade para empregá-lo. No entanto, dentro de sua concepção, a autora não considera o caráter desinteressado proposto por Dumazedier, característica essa que Marcellino (1987) coloca como traço definidor do lazer, como podemos ver a seguir:

[...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada [praticada ou fruída] no “tempo livre”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. “A disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 1987; apud PIMENTEL, 2010; p. 33).

Marcellino coloca o caráter desinteressado na atividade como traço definidor de o que é ou não lazer. Sumariamente é necessário entender o termo “caráter desinteressado” utilizado pelo autor. Vamos pensar primeiramente no contrário de desinteressado, que é interessado. Quando acordamos pela manhã e vamos ao trabalho, fazemos isso com um “caráter interessado”, que neste caso estamos interessados em trabalhar para ganhar o dinheiro necessário para sobrevivermos.

Agora, quando realizamos uma atividade, ou mesmo quando desfrutamos de um momento ocioso, e fazemos isso pelo simples fato de nos sentir bem, o fazemos com um “caráter desinteressado”, como Marcellino resumiu muito bem nas seguintes palavras: “não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação” (MARCELLINO, 1987; apud PIMENTEL, 2010; p. 33). Este caráter desinteressado pode ser encontrado no discurso de alguns dos adolescentes pesquisados. Por exemplo, quando questionado sobre qual a sua concepção sobre o lazer, “Romarinho” respondeu: “*Tudo que faz a pessoa se sentir bem.*” “Ronaldinho” também teve uma opinião similar, para ele o lazer é: “Poder se

sentir bem no lugar onde você está”. E para o “Zico”: *“Ah, lazer pra mim é se divertir, é estar... estar bem.”*

Assim como Gomes (2004) e diferentemente de Dumazedier (1973), o autor Marcellino (1987) leva a concepção de lazer ao nível de cultura. O que se apresenta muito pertinente, pois o que é lazer para uns pode não ser para outros; sendo assim, utilizar a cultura como forma de categorizar o lazer se mostra mais coerente, já que os gostos do sujeito são em grande parte determinados pelo meio em que se está inserido, podendo assim, configurar esses “gostos” e “preferências” como cultura. E quando o autor coloca como lazer a manifestação da cultura, ele ultrapassa o lazer como simples “conjunto de ocupações”, assim como proposto por Dumazedier, não mais considerando as dimensões lazer e ócio como polos opostos (PIMENTEL, 2010).

Seguindo a linha de pensamento de Dumazedier, Marcellino (2002), além do caráter desinteressado, utiliza também os aspectos “tempo” e “atitude” como características definidoras do que é lazer. Pois segundo ele

Com relação a utilização da palavra “lazer” o que se verifica, com maior frequência, é a simples associação com experiências individuais vivenciadas dentro de um contexto mais abrangente que caracteriza a sociedade de consumo, o que, muitas vezes, implica a redução do conceito a visões parciais, restritas aos conteúdos de determinadas atividades (MARCELLINO, 2002; p. 07).

Sendo assim, para uns jogar futebol é lazer, para outros pode ser andar de skate ou pescar. Como podemos averiguar na fala de Romarinho: *“O que eu mais gosto de fazer é jogar bola. Ah, e pescar”*. Ou então como vemos na voz de Pepe e Zinedine, respectivamente: *“Ando de skate também, tem vez”*; *“Andar de skate”*. E também na fala de Zico: *“O que eu falo... não só por mim, mas tem um pessoal aí que gosta de skate, ter uma pista de skate aí, tava comentando com eles aí, com o pessoal da minha sala”*.

Entretanto, isso nem sempre se aplica para o jogador de futebol profissional, que deve cumprir uma extensa carga horária de treinos, viagens para jogos, submeter-se a pressão da torcida, etc. Ou para os pescadores e os skatistas que dependem de suas atividades para sobreviver. Dessa forma, a partir do exemplo dado acima é possível assinalar que o entendimento sobre o lazer não pode ser estabelecido apenas pelo conteúdo da ação, ou pelo menos que apenas a ação em si não possui condição suficiente para sustentar a

conceituação do que é o lazer. É neste momento então que os aspectos tempo e atitude entram em cena, pois “[...] o lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade” (MARCELLINO, 2002; p. 08). Ou seja, o lazer não será conceituado pela ação do sujeito, por exemplo, apenas o jogar futebol, mas sim pela satisfação que o jogar futebol trás para ele, o prazer, a felicidade, a vontade de não sair da atividade, de não parar mais.

Em relação ao tempo, o autor discorre “O lazer ligado ao aspecto tempo considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no ‘tempo livre’, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas” (MARCELLINO, 2002; p. 08). Vivemos em uma organização socioeconômica que cria uma dinâmica social na vida do indivíduo, onde as esferas do trabalho, lazer, família, entre outras, não estão desconectadas e, para que possamos desfrutar plenamente o lazer necessitamos de um tempo onde consigamos nos desvencilhar momentaneamente de tais obrigações, o que Marcelino caracteriza como tempo disponível ou liberado.

Durante a entrevista realizada com “Rivelino” ele relatou que para algumas pessoas o lazer poderia ser encontrado no trabalho, e então ele foi questionado sobre qual trabalho ele consideraria como lazer, e respondeu: *“Cara... ser jogador de futebol seria um trabalho/lazer pra mim”*. A partir dos conceitos sobre o lazer apresentados anteriormente, é claro que o futebol pode ser considerado pelo Rivelino uma forma de lazer, pois ele faz parte de sua cultura e ele o pratica sem esperar nada em troca além do prazer advindo da atividade. Porém, caso ele vire de fato um atleta profissional, as condições serão diferentes de antes. Ele terá de cumprir horários e não mais estará fazendo isso pelo simples motivo de gostar da atividade, mas sim interessado no retorno financeiro. Talvez, mesmo assim Rivelino considere um lazer jogar futebol profissionalmente, desta forma, analisar o lazer utilizando como base os aspectos de tempo e atitude torna-se imprescindível para o estabelecimento de uma relação mais concreta e reflexiva sobre uma dimensão importante da vida das pessoas, o lazer.

Após vermos os aspectos tempo e atitude como características definidoras do que pode ou não ser considerado lazer, é importante ressaltar que essa consideração não deve ser baseada em apenas uma dessas vertentes, mas sim em conjunto, pois a análise isolada de um desses fatores pode levar a graves equívocos. Por exemplo, no tempo em que o trabalhador passa deslocando-se de casa até o trabalho e vice-versa, ele desenvolve atividades prazerosas, como conversar com o cobrador do ônibus, ler o jornal ou escutar música. Se levarmos em conta para análise de tais atividades apenas o aspecto tempo, tais atividades até poderiam ser consideradas lazer, pois o sujeito escolheu passar esse tempo “livre” fazendo aquilo. No entanto, por não estarmos analisando a atitude estaríamos deixando de lado um quesito muito importante, o da obrigação. “O componente da obrigação é marcante, principalmente em nossa sociedade, que valoriza sobretudo a produtividade” (MARCELLINO, 2002; p. 10). Ou seja, mesmo que neste tempo desocupado gerado pela transação casa/trabalho o sujeito desenvolva atividades prazerosas, essas nem sempre serão consideradas lazer, uma vez que o trabalhador provavelmente possui a vontade de estar em outros lugares, fazendo outras coisas, mas não o consegue, pois a obrigação de ir trabalhar e ganhar dinheiro para conseguir sobreviver não o deixa.

Ao invés de usar o termo “tempo livre”, Marcellino opta pela conotação “tempo disponível” para se dirigir ao tempo de ocorrência do lazer, pois para ele, tempo algum está totalmente livre de coerções ou normas de conduta social. Pimentel (2010; p. 28) aponta o que Marcellino traz sobre o termo “tempo disponível”.

Quando as pessoas estão “livres” do trabalho, acabam realizando, em seu “tempo de liberdade”, atividades que, na verdade, nada têm de “livres”, tais como: levar ou buscar os filhos na escola; ir à academia, ao supermercado, ao médico e, até mesmo, ocupar-se de um segundo emprego. Em suma, pode-se perceber, a qualquer momento do cotidiano, como praticamente ninguém parece conseguir gozar, plenamente, da liberdade da necessidade de estar ocupado.

Outra autora que tece críticas à concepção de Dumazedier é Valquiria Padilha (2004), de acordo com ela o autor utiliza como base de suas teorias sobre o lazer a corrente teórico-metodológica do funcionalismo; a visão funcionalista da sociedade enxerga o todo social como fragmentado, dividido

em partes como as engrenagens de um relógio, onde o defeito em uma dessas partes pode ocasionar o mal funcionamento das outras. Nas palavras de Padilha (2004; p. 256) “cada parte da sociedade é vista como uma parte que forma o todo social e, portanto, exerce influência no funcionamento do conjunto da sociedade [...] o funcionalismo é, então, uma teoria do equilíbrio social”.

Sob o prisma da visão funcionalista da sociedade, o lazer é posto como algo essencialmente bom e o trabalho como algo teoricamente ruim. Portanto, têm-se o lazer como uma válvula de escape capaz de reparar os ‘danos’ causados pelo trabalho e também como cura para os males que podem, eventualmente, afetar o ‘equilíbrio social’. Desta maneira “se o trabalho cansa, o lazer descansa; se o trabalho aliena, o lazer desaliena; se o trabalho retira do homem sua capacidade criadora, o lazer devolve” (PADILHA, 2004; p. 256 – 257). Nesta perspectiva compensatória que contrapõe trabalho e lazer numa dicotomia social, os males causados pelo trabalho não terão força o suficiente para atrapalhar a harmonia social se o lazer estiver exercendo sua função de maneira eficiente.

À primeira vista a teoria funcionalista de Dumazedier se apresenta muito coerente, mas se o trabalho está se apresentando como um mal para a sociedade, por que não usar o lazer como a cura? A autora responde:

Em primeiro lugar, é preciso olhar a sociedade como ela é, cheia de contradições, problemas, tensões, desacordos, e não como um sistema equilibrado, harmônico, pacífico. Os funcionalistas evitam as tensões e deixam de colocar questões fundamentais: Por que é que nossa sociedade precisa buscar no lazer a satisfação que não encontra no trabalho? Que tipo de vida existe neste trabalho que nossa sociedade construiu? Por que é que a vida, a alegria e a criatividade estariam no lazer, e não no trabalho? [...] O funcionalismo não busca a raiz dos problemas, mas sim soluções paliativas, aparentes, como o lazer compensatório. Da mesma forma, por exemplo, a lógica funcionalista propõe como solução para a violência o aumento de polícia nas ruas. Mas o que causa o aumento da violência na sociedade? Qual é a lógica que rege esta sociedade para que a violência só aumente? O aumento de policiamento num determinado local vai eliminar a causa da violência e, conseqüentemente, a violência em si? (PADILHA, 2004; p. 257).

Antunes (2004 p. 227) relata que “para a realização da produção e reprodução da existência humana, os indivíduos iniciam um ato laborativo básico, desenvolvido por meio do processo de trabalho.” Com esta metodologia de trabalho que estabelece uma semana laboral com uma determinada quantia

de horas de trabalho requer um tempo estabelecido também para o descanso. Este encontra-se geralmente nos finais de semana e feriados. Com isso cria-se uma visão de que a “ocorrência” do lazer se dá apenas nestes momentos, como podemos ver na fala dos pesquisados.

“Coutinho” nos respondeu o seguinte quando questionado sobre o que era lazer para ele: *“Acho que é alguma coisa pra nós se divertir, um shopping, um clube de piscina, tipo, pra nós se divertir no final de semana.”* Já “Pepe” respondeu assim: *“Ah, lazer pra mim é ficar com a família assim, churrasco, aniversário assim, jogar futebol, ir pra lugar com a família assim, com os amigos”*.

Enquanto Pepe considera algumas datas festivas como opção de lazer, Coutinho relata o tempo de ocorrência para o que ele considera lazer, ele delimita o final de semana como os dias possíveis para tal fato.

Como já mencionado anteriormente, Pelézinho é o único dentre os pesquisados que possui um trabalho assalariado e com horários estabelecidos. Curiosamente ele também é o único que associa o lazer há uma possibilidade de descanso. Como podemos observar em seu discurso, quando questionado sobre quais atividades de lazer ele realiza: *“Eu jogo ping-pong, fico deitado na rede, descanso.”* Olhando por esta perspectiva é possível perceber que a concepção funcionalista da sociedade não é a ideal, mas ela é quem traduz mais fidedignamente o que observamos da dinâmica social. O lazer diversas vezes assume características de repouso e recuperação, a fim de sanar o cansaço causado pelo trabalho, tanto que quando vamos nos dirigir ao lazer delimitamos um tempo para sua ocorrência assim como os adolescentes fizeram ou o caracterizamos como uma possibilidade de descanso (PADILHA, 2004).

Em muitos casos o lazer ainda existe com as características de compensar para o homem o sofrimento e excessos do trabalho, entretanto, outra ‘categoria’ do lazer vem ganhando muito espaço com a evolução dos meios de comunicação em massa e com a facilidade ao acesso as mercadorias, o lazer consumo. O consumo pode ser caracterizado pelas relações de trocas que estabelecemos, principalmente, nos dias de hoje, as trocas que envolvem a unidade monetária, ou dinheiro, a qual atribuímos certo

valor e trocamos por determinados objetos ou coisas as quais necessitamos ou apenas desejamos consumir (GOMES, 2004).

Alguns dos pesquisados mencionaram algumas práticas que podem ser consideradas uma forma de lazer consumo, como na fala de Beбето quando questionado sobre quais atividades de lazer ele desenvolve: “Eu jogo bola, eu jogo vídeo game, só isso”. Também notamos isto na fala de Zico, quando questionado sobre suas expectativas de lazer, ele respondeu que gostaria de uma maior diversidade de opções no que diz respeito á esportes e finalizou dizendo: “Também shows”. Bem como na fala de Ronaldinho, que mencionou o seguinte sobre as atividades de lazer que ele desenvolve: *“saio com a galera direto final de semana, vou pra lanchonete. O computador que é uma praia que eu gosto muito, e ah, ficar... festar e tal”*.

Contudo, uma fala em especial chamou atenção, que foi a de Romarinho. Lhe foi perguntado quais opções de lazer ele gostaria de ter para praticar que ele não tem acesso em Lunardelli. Sem titubear ele respondeu: *“Comprar alguma coisa. Sair fazer compras”*. Para Gomes (2004), os objetos ou formas de lazer que consumimos estão perdendo a relação com a nossa necessidade de possuí-lo, pois existe uma linha tênue entre aquilo que pagamos para ter e o que nos é mostrado através da mídia. Ou seja, nossos desejos estão sendo moldados, ou até formados, em diversos casos pelos canais de televisão, rádio, internet, e não mais pela escola ou a família por exemplo. De acordo com a autora:

Os objetos não são mais comprados somente pelo seu valor de uso ou pela sua utilidade, mas também pela capacidade de preencher necessidades do ego, potencializadas pelos meios de comunicação de massa. Em um mundo no qual o poder de compra tem norteado as ambições de grande parte da população, a mídia pauta suas mensagens no consumo de produtos, serviços e, principalmente, de imagens. Com os produtos, os indivíduos formam sua subjetividade mais por meio dos meios de comunicação, como Internet, TV e cinema, do que pelas interações sociais em instituições tradicionais, como a escola e a família. A função de convivência, ou de simples convivialidade, está se deslocando dos antigos espaços públicos, como as praças e os bulevares, em direção aos shopping centers, aos condomínios fechados e aos grandes parques temáticos, lugares que espelham a espetacularização das imagens midiáticas e o desejo pelo seu consumo (GOMES, 2004; p. 49).

Como podemos observar nas palavras de Gomes, as opções de lazer estão se mudando dos espaços públicos para os locais privados. Mas, como

sabemos, o lazer é um direito de todos os cidadãos brasileiros garantidos pela constituição brasileira e pelo ECA, diante desta constatação da autora temos um cenário de violação de direitos, afinal são necessárias condições concretas e materiais para ter acesso ao lazer consumo. Grande parte das expectativas de lazer dos adolescentes, ou seja, do que eles gostariam de ter como opção de lazer mas não possuem por não ter acesso ou por não ter condições financeiras, estão atreladas há alguma forma de consumo de acordo com os dados obtidos na pesquisa. Coutinho, por exemplo, respondeu o seguinte quando questionado sobre o que poderia ter em Lunardelli como opção de lazer que ainda não tem: “*Um shopping*”. Zico gostaria que tivessem mais shows, enquanto outros gostariam que houvesse um clube com piscina e espaço para campo de futebol e afins.

Outros apresentaram um interesse em fazer aulas de natação. Dos onze pesquisados, cinco demonstraram este interesse. Fato interessante que merece ser abordado é o de que Pelézinho mencionou que gostaria que aqui tivesse uma piscina pública, enquanto Bebeto opta por um “[...] clube pra você ter um treinamento. Um clube que tem piscina”.

Alguns também gostariam de “consumir” tecnologias como o vídeo game, mencionado na fala de Bebeto: “*Eu queria... jogar vídeo game, fazer algumas coisas que me fazem felizes. Tendeu?*”. Ou então o computador, encontrado no discurso de Ronaldinho quando questionado sobre quais atividades eram lazer para ele: “*Internet pra mim é lazer também*”.

É incontestável a premissa de que devemos sempre observar um fenômeno de diversas perspectivas, analisa-lo de diversos ângulos e considerar todas as vertentes possíveis sobre ele, para que não haja uma redução do fenômeno ou para que impossibilite sua descrição incorreta. Sendo assim, devemos considerar a possibilidade de que o lazer nem sempre é bom, como pode soar o tom do discurso apresentado no texto. Padilha (2004) nos apresenta que nem tudo é o que parece ser, assim, talvez não seja tão ruim o trabalho e nem tão bom o lazer. Pois se não necessitamos realmente de determinados objetos e mesmo assim acabamos por consumi-los, motivados a suprir as necessidades do ego, impulsionados pelos canais midiáticos, o que difere o lazer do trabalho em relação à alienação?

Ao analisarmos algumas concepções sobre o lazer quase sempre encontraremos como características definidoras a ‘liberdade de escolha’, o ‘caráter desinteressado’, a ‘opção pela atividade’, o que nos passa uma impressão de liberdade de decisão sobre o que iremos fazer. Mas temos de fato a liberdade de escolher aquilo que iremos consumir? E o mais importante, como a concepção funcionalista nos leva a pensar, todos os indivíduos de nossa sociedade tem as mesmas condições de vivenciar e desfrutar das mesmas situações de lazer em seu tempo livre?

De um lado, é preciso pensar que a abundância de mercadorias, serviços e entretenimentos oferecidos pelo mundo capitalista globalizado é uma falsa democracia, na medida em que não são todos os seres humanos que têm acesso a tudo o que o mercado oferece. Se não são todas as pessoas que podem vivenciar o mesmo lazer, como pensar numa sociedade hegemônica, numa paz social global? (PADILHA, 2004; p. 258 – 259).

Podemos então notar que nem todos possuem as mesmas possibilidades quanto ao lazer, e que não temos de fato essa total liberdade de escolha sobre as opções de lazer. Quando vamos há uma loja e escolhemos uma peça de roupa dentre tantas outras pode não ser sinal de liberdade, mas sim de uma limitação de possíveis escolhas, e o mesmo ocorre com o lazer e suas possibilidades.

Talvez seja por esta falta de opções e também, principalmente, pela cultura futebolística inserida em nossa sociedade que tenhamos encontrado o futebol como atividade hegemônica de lazer dos adolescentes. Todos elencaram o futebol como uma atividade de lazer, e alguns deles mencionaram até que passam o dia jogando bola, como vemos nas palavras de Pepe em diálogo com o pesquisador:

Entrevistado: De manhã eu vou pra escola, fico até o meio dia. Vou pra casa, almoço como e depois vou pro ginásio. **Entrevistador:** E que horas você vai para o ginásio? **Entrevistado:** Uma e meia. **Entrevistador:** E sai de lá que horas? **Entrevistado:** Um e meia, quatro. **Entrevistador:** Você fica lá então umas duas horas, duas horas e meia jogando bola? **Entrevistado:** Aham. **Entrevistador:** E de lá você vai pra onde? **Entrevistado:** Depois de lá, eu vou em casa pego minha chuteira e vou pro campo. **Entrevistador:** E depois você vai pro campo? Então você sai do ginásio, onde você estava jogando futsal e vai para o campo jogar bola? **Entrevistado:** Eu vou lá em casa, pego as coisas e vou pro campo. **Entrevistador:** Daí que horas mais ou menos você chega no campo? **Entrevistado:** Chego no campo umas quatro e meia, quatro

horas. **Entrevistador:** E sai de lá que horas? **Entrevistado:** Seis e pouco, a hora que acaba mesmo.

E o mesmo pode ser visto no diálogo com Maradona, que relatou o seguinte:

Entrevistado: Bom, de manhã eu vou pra escola, daí lá pelas uma hora eu chego e vou pro ginásio, daí chego do ginásio e venho pro campo, daí... só. **Entrevistador:** E de noite, o que você faz? **Entrevistado:** De noite as vezes tem horário no ginásio pra nós jogar.

Na verdade, não há problema nisso, até porque já era de se esperar este resultado. Pois se pararmos para refletir, foi perguntado para atletas que jogam futebol quais são suas atividades favoritas, logo o futebol iria permear todas ou grande parte das respostas. Por exemplo, quando perguntado ao “Neymar”, outro membro da pesquisa, o que ele considerava lazer, ele respondeu: “*É jogar bola mesmo.*” O termo “jogar bola” aparece constantemente nas respostas, podendo ser considerada a atividade de lazer mais praticada pelos adolescentes.

Em nosso país as condições são favoráveis para isso, tanto pela cultura futebolística já imbricada à consciência coletiva da sociedade, bem como pela facilidade ao acesso há prática deste esporte. As crianças assistem um futebol de elite na televisão, mas reproduzem o esporte à sua maneira e com os objetos que tem disponíveis. Não é necessário mais do que alguns amigos, dois pares de chinelos para serem utilizados na função de “balizas” do gol e uma bola para se jogar o futebol, ou pelo menos a sua essência (GOMES, 2004).

Chegando ao ponto, o futebol não é o problema em si, mas sim o fato de o lazer para eles se limitar ao futebol. É claro, eles relataram várias outras opções de lazer, mas o futebol foi hegemônico. Como já mencionado, Bardin (1977) considera a presença e também a ausência de determinadas falas componentes importantes da análise dos discursos. Dentre todos os pesquisados, nenhum mencionou como opções de lazer atividades relacionadas aos estudos, como ler ou aprender coisas novas, o que é algo preocupante. O mais próximo que chegamos disso foi em alguns relatos dos alunos que também consideravam lazer a prática de esportes nas aulas de Educação física. Ou então Ronaldinho que almejava para o futuro possuir

“jogos de mentalidade” em seu arcabouço de possibilidades de lazer, como podemos averiguar em suas palavras: *“Falta também, vamos dizer aí, um jogo mais, aqueles jogos um pouco mais de mentalidade, tipo um xadrez, coisas assim, pra mim é o que falta, também gosto muito de xadrez cara, jogos assim eu também gosto de estratégia bastante.”*

Com suas opções de lazer restritas ao futebol, é imensurável a quantidade de conteúdo que pode deixar de estar sendo aproveitado por estes adolescentes. O futebol é uma ótima escolha para a prática da atividade física, que melhora a saúde e também o condicionamento físico, bem como as capacidades cognitivas, pois o futebol é um esporte de raciocínio rápido. Quem poderia dizer que o futebol não faz bem? De fato, ele é um esporte como todos os outros e possui seus benefícios, mas a crítica aqui se instala no por que sempre o futebol? Por que não o basquete? Ou por que não ler um livro?

Então, podemos considerar que o lazer dos adolescentes é constituído em sua maior parte pela prática esportiva, em especial o futebol. Surgiram outras opções de lazer muito interessantes, algumas como sair para a lanchonete com os amigos e conversar, outros andam de skate esporadicamente, ou então nadam na cachoeira, e tem também quem goste de pescar, como vemos nas seguintes palavras proferidas por Romarinho: *“O que eu mais gosto de fazer é jogar bola. Ah, e pescar.”* E quando questionados sobre quais atividades de lazer eles costumavam praticar deram as seguintes respostas. Ronaldinho disse: *“Ah, no meu caso eu pratico esporte, que é o futebol, é... saio com a galera direto final de semana, vou pra lanchonete”*. Neymar nos relatou: *“Eu joga futebol, gosto de vôlei, futsal também, ah, isso aí é o que eu mais gosto”*. Já Rivelino disse o seguinte: *“Que nem como eu disse, eu joga bola... é as vezes ficar em casa com os amigos conversando é um lazer, sabe? E se se divertir também durante a noite é um tipo de lazer também, dá uma saidinha”*. Pepe arguiu: *“Futsal, vôlei também. Em casa a gente fica brincando de três cortes na rua lá. Ando de skate também, tem vez”*.

Coutinho, por exemplo, respondeu apenas o seguinte: *“Joga bola”*. Enquanto Zinedine e Messi preferiram as seguintes falas, respectivamente: *“Ah, o que eu faço assim é jogar bola... Ah, e andar de moto, que eu já falei”*. *“Vixi, agora ferrou em. Só treino mesmo”*. Já Zico: *“Bom... eu corro. Joga bola,*

eu saio, vou pra algum lugar". E Romarinho disse o seguinte: "*Final de semana normalmente eu vou pra casa dos meus avós, se não eu venho jogar bola*".

A partir disso, podemos diagnosticar que o lazer dos adolescentes é em grande parte preenchido pelo futebol, mas que, no entanto, os mesmos possuem outras opções de lazer, mostrando que suas possibilidades não se restringem apenas ao futebol. Porém, estas opções são limitadas, como notamos na fala de Zico. Lhe foi questionado quais opções de lazer ele gostaria de desenvolver em seu tempo livre e respondeu: "*Deixa eu pensar. Ah, basquete [...] Sim, isso falta. Também shows*". E então o entrevistador perguntou o que lhe impedia de desenvolver tais atividades, e ele relatou: "*A falta destas atividades*".

Agora, em relação as expectativas de lazer dos adolescentes, percebemos que parte das falas demonstra um interesse em outras possibilidades de práticas esportivas, destacando-se principalmente a natação. Messi, por exemplo, relatou: "*Ter uma estrutura melhor de... tipo natação, essas coisas*". Por sua vez, Ronaldinho não se limitou a natação, como veremos: "*Ah, eu queria ter uma natação cara [...] Je aqui em Lunardelli não tem e eu sou muito fã de natação. Também sou muito fã de um vôlei, falta um treino de vôlei aqui*". Já Pelézinho preferia uma piscina pública, como diagnosticamos em seu diálogo com o pesquisador:

Entrevistador: Quais atividades de lazer você gostaria de desenvolver em seu tempo livre? **Entrevistado:** Pra mim, eu gosto assim, de nadar. **Entrevistador:** Nadar? Você gostaria de algum... (entrevistado não deixa entrevistador completar) **Entrevistado:** Uma piscina pública.

Já Rivelino relatou o seguinte em diálogo com o pesquisador:

Entrevistado: É acredito que ela poderia ter uma diversidade de esportes, porque aqui é uma cidade que revela bastante talentos, sabe? Então acredito que talvez natação, ou algum esporte diferente como talvez o basquete, temos a quadra já, mas não tem nenhum projeto ou coisas do tipo e acho que o esporte seria a melhor maneira de ajudar os jovens aqui da cidade. **Entrevistador:** E quais atividades de lazer você gostaria de desenvolver em seu tempo livre? **Entrevistado:** Eu acho que as que eu mais gosto eu já desenvolvo, que é jogar o futebol. Que é uma paixão mesmo e se tivesse a oportunidade eu gostaria de fazer natação.

Enquanto isso Bebeto opta por um clube que tenha suas especificidades voltadas ao treinamento, como podemos ver em suas palavras: *“Fazer... tipo... tipo um clube pra você ter um treinamento [...] um clube que tem piscina, é, campo, campo suíço”*. Neymar também gostaria de um espaço específico para o treinamento, como veremos em seu diálogo com o entrevistador, mas para o futebol ao invés de uma gama de atividades como no caso de Bebeto. Neymar relatou o seguinte:

Entrevistado: Podia ter aqui, outras coisas cara. O melhorzinho assim que poderia ter, é uma escolinha particular pra treinamento.

Entrevistador: E você acha que tinha que ser particular?

Entrevistado: Ia ser melhor pra nós.

Contudo, as expectativas não ficaram voltadas apenas para a natação e para o treinamento de futebol, possibilitando a aparição de outras modalidades esportivas, como vemos em algumas das falas já apresentadas e também na voz de Zico, que gostaria de poder jogar basquete e ter uma pista de skate, como veremos: *“O que eu falo... não só por mim, mas tem um pessoal aí que gosta de skate, ter uma pista de skate aí, tava comentando com eles aí, com o pessoal da minha sala [...] ah, basquete”*. Não só Zico, mas também Zinedine citou o skate como expectativa de lazer, como podemos ver: *“Ah, uma pista de skate, uma rampa pra andar de bicicleta... andar de skate”*. Surgiram até esportes que podem ser considerados incomuns, como a caça, mencionada por Romarinho: *“Deixa eu ver. Caçar”*.

Mas ainda assim, mesmo sendo questionados sobre as atividades de lazer que gostariam de realizar em seu tempo livre, apareceram respostas que elencavam o futebol, prática comumente efetuada pelos adolescentes, como vemos nas palavras de Pepe: *“Mais o futebol mesmo, ali assim”*.

Desta maneira, podemos considerar que as expectativas de lazer dos adolescentes são basicamente norteadas por novas possibilidades de esportes, tais quais a natação, basquete, vôlei e até a caça. E também por algumas falas relacionadas ao lazer consumo que já foram destacados no texto, como jogar vídeo game, passar mais tempo no computador, sair para fazer compras ou desejar que houvesse um shopping em Lunardelli, como será apresentado no capítulo seguinte.

5.2 LAZER, UM DIREITO DE TODOS?

O lazer, dimensão cultural da vida dos homens, vigora entre os direitos sociais do cidadão brasileiro, assim como afirma Costa Neto (2010, p. 12):

A Constituição Federal brasileira inclui o lazer entre os direitos sociais. No artigo 6º, o lazer aparece ao lado dos direitos à educação, saúde, trabalho, moradia, segurança, previdência social, proteção à maternidade e a infância, além da assistência aos desamparados. Já no artigo 7º, IV, quando dispõe sobre o salário mínimo, a Carta Magna insere o lazer entre as necessidades vitais básicas do trabalhador e de sua família, juntamente com moradia, alimentação, educação, saúde, vestuário, higiene, transporte e previdência social. E no art. 217, 3º, a Lei Maior prescreve que o poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social. Portanto, de acordo com esses dispositivos da Constituição Federal do Brasil, que se constitui em Estado Democrático de Direito, e que tem como um dos fundamentos a dignidade da pessoa humana, nem só de pão devem viver homem e mulher.

No entanto, esse direito não se restringe a níveis nacionais internos, é também um direito assegurado pela Organização das Nações Unidas (ONU), como podemos diagnosticar nos seguintes dizeres do autor Costa Neto (2010, p.12):

O Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC), firmado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 1966, prevê, em seu artigo 7º, que descanso e lazer são direitos que toda pessoa deve ter, para que possa efetivamente gozar de condições de trabalho justas e favoráveis.

Podemos verificar então, que mesmo no artigo da ONU, o lazer aparece como possibilidade de descanso/compensação para o trabalhador, deixando de considerar diversas características do lazer, como por exemplo, os atributos potencializadores das qualidades humanas imbricados há um lazer de “qualidade”.

Quando analisamos o papel social do lazer levando em consideração apenas o seu aspecto libertário, acabamos por negligenciar os entraves socioeconômicos existentes, uma vez que o poder aquisitivo é um dos fatores determinantes na divisão e distribuição do tempo livre perante as classes sociais.

Como podemos observar em seu discurso, Pepe desejaria ter acesso há um parque aquático: “*Seria bom tipo o Ody Park assim.*” E então lhe

questionamos sobre o que o impedia de ir em um parque aquático, como o Ody Park, e ele respondeu: *“Uma que aqui não tem também, e que pra ir pra fora nós não tem muitas condições também né... financeira assim.”*

Além de exercer influência no tempo disponível para a ocorrência do lazer dos indivíduos, o fator econômico esbarra também na qualidade do lazer que os mesmos virão a desfrutar. Sendo assim, é possível partir da premissa de que o lazer não se apresenta da mesma forma para todos os cidadãos brasileiros, pois em nossa sociedade a disparidade econômica é claramente visível entre as classes sociais, sendo que uma minoria do povo tem em sua posse a maior parte do capital monetário, e a outra parte da sociedade, a grande maioria dos cidadãos, possui apenas uma pequena parcela deste capital (PADILHA, 2004).

Devido à falta de recursos financeiros, Pepe sacia sua ânsia por um parque aquático indo a rios e cachoeiras, como ele relata quando lhe foi perguntado o que ele fazia em seu tempo livre que ele considerava como lazer: *“Eu gosto de futebol, vou pra cachoeira nadar”*, e o entrevistador questiona se ele gosta de nadar, e então Pepe responde o seguinte: *“Aham, fico nadando nos rios assim.”* Desta forma, é possível enxergar que o lazer não se apresenta da mesma forma para todos os cidadãos, pois nem todos, assim como Pepe, tem condições de frequentar determinados espaços e aparelhos de lazer.

Apesar dos riscos corridos pelo adolescente durante suas aventuras em rios e cachoeiras, tanto os riscos de acidentes como afogamentos, bem como de contrair doenças nestas águas, quem pode dizer que suas experiências de lazer nestes espaços não são mais enriquecedoras do que seriam em um parque aquático, por exemplo? A “qualidade” do lazer não é encontrada no quanto se gasta financeiramente para obtê-lo, mas sim no quanto ele pode contribuir em sua formação social e pessoal.

Mas, quando paramos para refletir, conseguimos perceber que talvez o Estado não esteja cumprindo efetivamente seu papel, pois como citado por Lima (2006, p. 89):

Percebe-se, no entanto, uma crescente privatização dos espaços de convivência social que restringe sua utilização aos que detêm renda. Nas cidades, aos poucos, as casas unifamiliares vão sendo substituídas por condomínios fechados, os espaços públicos de lazer

pelos clubes e centros de entretenimento e as ruas e calçadas por corredores para passagem de automóveis.

No caso de Pelézinho, que quando lhe foi perguntado sobre quais eram os motivos que lhe impediam de desenvolver as opções que ele considerava lazer em seu tempo livre, respondeu o seguinte: “*O prefeito.*” E então depois de ser questionado sobre o por que o prefeito seria o motivo que lhe impedia de desenvolver tais atividades, ele disse: “*Porque quando estava no tempo da política ele prometia e prometia, chegava na gente na rua e falava o que ia fazer, a gente confiou nele e não... ele prometeu pista de skate, melhoras nas ruas da cidade também, a gente ficou esperando até agora e nada.*”

Diante daquilo que pudemos observar na pesquisa, fica clara a intervenção do Estado na vida dos cidadãos e o comprometimento que o mesmo toma em garantir diversos direitos para todos os sujeitos de nossa sociedade, e dentre estes direitos está o lazer e a ausência deste comprometimento.

O âmbito público na maioria das vezes é falho quando deveria assegurar um lazer de qualidade para todos os cidadãos, e isso é possível de se verificar na fala de Ronaldinho, no seguinte diálogo entre ele e o entrevistador:

Entrevistador: “*E quais atividades de lazer você gostaria de desenvolver em seu tempo livre?*” **Entrevistado:** “*Ah, é.. vôlei, sei lá, pra mim o lazer mesmo é o vôlei. No tempo livre que eu tenho eu queria desenvolver o vôlei.*” **Entrevistador:** “*E qual é o motivo que te impede de fazer isso?*” **Entrevistado:** “*Ah, muito também é o local. Às vezes você vai chamar a molecada pra ir na quadra, aí ‘ah, não vou, não vou jogar vôlei, não sei o quê’. Não tão a fim de vôlei, as vezes não tem a rede, não tem a bola.*” **Entrevistador:** “*No ginásio não tem a rede e não tem bola?*” **Entrevistado:** “*No ginásio sim, mas na escola ultimamente não tá tendo rede, a bola tem, mas não tem a rede, não dá pra jogar. No ginásio tem a rede, mas a bola lá, quando se marca o horário tem de levar a bola.*”

O ginásio é de responsabilidade da prefeitura da cidade, que é o âmbito que tem o dever de construir e direcionar políticas públicas justas e que atendam os anseios da população. Como pode então não haver bolas disponíveis para a prática esportiva? Existem, é claro, várias outras formas de lazer, mas existe também uma parcela da sociedade que é adepta à prática de determinados esportes. Então, conseqüentemente, de acordo com os deveres do Estado para com a sociedade, o mesmo deve possibilitar as condições necessárias para o desenvolvimento desta prática, mas não fornece sequer a

bola, como vimos na fala do adolescente. Uma falha do Estado, que tem como obrigação garantida por lei assegurar o lazer para os adolescentes e também para os outros membros da sociedade.

A partir da discussão realizada no decorrer deste capítulo, ponderamos que o fator sócio econômico e a falta de opções acessíveis são componentes capazes de influenciar o lazer dos indivíduos, assim, apontamos a proeminente necessidade de alteração neste cenário que caracteriza-se pela desigualdade no acesso a diversas dimensões da vida humana, como por exemplo, o lazer.

Esta modificação parte do entendimento que em muitas culturas deseje-se um mundo justo, solidário, no qual nos preocupamos e cuidamos do que é nosso, bem como do que é coletivo (MULLER, 2013). Tem certeza que é 2013?

A autora trata que esta é uma ação que exige a participação de todas as pessoas e não apenas de grupos influentes em nossa sociedade, como governos, empresas, autoridades, movimentos sociais, instituições. As pessoas que possuem tais poderes são consideradas a minoria, e mesmo assim são estes quem constroem ou exercem influencia na construção de políticas que influenciam as vidas de todos. A partir disto, Muller (2013) elenca a participação social como opção para a possibilidade de interferência neste cenário:

A participação social se caracteriza pela possibilidade dos indivíduos intervirem no que diz respeito às suas vidas. Segundo a autora:

Existem vários níveis de participação. Se referem, por exemplo, à intensidade: alta, média e baixa. O nível mais baixo é aquele da consulta popular e que depois os interessados não acompanham o desenrolar das ações de quem tem a autoridade para realiza-las. Por exemplo, a prefeitura promove uma reunião no bairro para perguntar qual a prioridade daqueles cidadãos para o próximo investimento. A assembleia decide que é um centro de saúde. E o centro de saúde jamais é consolidado. A prefeitura pode dizer que promoveu a participação social? Sim, não é mentira, há fotos e gravações. Mas é um baixíssimo nível (ademais, usado com valor propagandístico da gestão que se diz democrática). Neste mesmo exemplo, uma participação de alta intensidade seria se os cidadãos acompanhassem desde o início o dinheiro disponível, a compra dos materiais, decidissem junto com os profissionais: o lugar onde deve ser construído, as regras de funcionamento do Centro e outros aspectos (MULLER, 2013, p. 15).

Portanto, reiteramos tal possibilidade para o campo do lazer e suas políticas, considerando que a participação dos adolescentes na criação destas políticas públicas seria um ponto crucial na para se alcançar uma configuração do lazer mais efetiva e que, concomitantemente, atendam aos anseios destes jovens. Se a intenção é criar políticas voltadas aos adolescentes, por que então não perguntar aos próprios adolescentes e considerar suas opiniões?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo central analisar a configuração do lazer dos adolescentes e quais suas expectativas sobre o mesmo, e também as possíveis relações entre o lazer e a realidade social destes indivíduos. Buscamos então diagnosticar como se caracteriza esta dimensão da vida de adolescentes praticantes de esportes coletivos na cidade de Lunardelli, a partir da escuta das falas destes sujeitos relacionando-as com as teorias sobre a área do lazer.

Desta maneira, a partir dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas e da discussão realizada no desenvolvimento do trabalho, foi possível considerarmos que as atividades de lazer que estes adolescentes praticam estão em sua maioria, intimamente ligadas à prática esportiva, destacando-se principalmente o futebol. O futebol foi elencado como uma atividade de lazer por todos os pesquisados, sem exceção, até porque este era uma das características dos sujeitos da pesquisa. Surgiram outras atividades desenvolvidas pelo grupo, tanto de esportes como, por exemplo, o basquetebol, o voleibol e o skate, bem como outras possibilidades que não ficaram restritas aos esportes, como jogar vídeo game, sair com os amigos, e até brincar na rua. Entretanto, o futebol apareceu de forma hegemônica em meio às falas dos adolescentes, e assinalamos que isto tenha se dado em função destes sujeitos não possuírem outras opções de lazer que lhes agrade disponíveis em seu cotidiano.

Todavia, ao analisarmos os fatores que possivelmente influenciaram na aparição hegemônica do futebol em meio às atividades de lazer que eles desenvolvem, também atrelamos a cultura futebolística de nosso país e também pela escassez de possibilidades que respondam às preferências dos adolescentes na realidade da cidade estudada.

Em relação às expectativas de lazer dos adolescentes, verificamos que seus anseios estão voltados principalmente a novas opções de esportes. Dentre estes, a natação aparece em papel de destaque, reiteramos este fato ao contexto da cidade de Lunardelli, que não possui piscinas públicas ou privadas, apenas em algumas residências particulares, o que não é o caso dos

adolescentes que compõem a amostra da pesquisa. Contudo, tais anseios não ficaram limitados aos esportes, possibilitando também a aparição de opções que podem ser consideradas formas de lazer consumo.

No que diz respeito à influência da realidade social dos indivíduos em relação ao lazer e ao tempo livre, averiguamos que nem todos possuem as mesmas condições socioeconômicas para desfrutar do lazer. E que desta forma, o lazer não se apresenta da mesma maneira para todos os adolescentes. Consideramos também que as dimensões de nossas vidas, no caso o lazer e o trabalho, não estão desconectadas, pois assinalamos, por exemplo, que o fato de Pelézinho já trabalhar tenha influenciado em sua conceituação do que se apresenta como lazer para ele, mais atrelado ao descanso, a não trabalhar neste tempo. Assinalamos então que lazer e trabalho estabelecem relações dialéticas e que os resultados deste trâmite trazem consequências para o desenvolvimento de nossa vida pessoal e social.

Constatamos então que nem todos possuem as mesmas possibilidades em relação ao lazer, uma vez que Pelézinho já trabalha com 17 anos enquanto os outros pesquisados não, percebemos que eles são iguais perante a lei, mas diferentes quando consideramos suas realidades sociais. Assim, consideramos que o acesso ao lazer é diferente para cada um deles, bem como suas concepções.

Dentre as conceituações de o que é lazer para os adolescentes, alguns julgaram ser lazer tudo aquilo que te faz sentir-se bem ou então que lhe divirta. Contudo, nem todos pensam assim. Um deles descreveu o lazer como uma possibilidade de lazer, uma forma de descanso capaz de compensar os excessos do trabalho e das obrigações sociais. Inclusive, o único que relacionou o lazer como uma opção de descanso foi justamente o único sujeito que já trabalha. De acordo com Padilha (2004) utilizar o lazer como forma de reparar excessos do trabalho não é algo interessante, pois segundo ela, que tipo de trabalho nossa sociedade construiu que precisamos buscar no lazer a satisfação que não encontramos no trabalho? Esta visão funcionalista da sociedade não busca a raiz do problema, e sim soluções aparentes, como o lazer compensatório aqui diagnosticado.

Observamos que devido à nossa atual organização social, identificamos que existe um tempo institucionalizado para a ocorrência do lazer, que como

verificado nas falas dos adolescentes corresponde aos finais de semana e também os feriados, atrelando o lazer ao tempo em detrimento da possibilidade do lazer ocorrer nas mais diversas esferas da vida.

Diante destes fatos, consideramos que a melhor opção para melhorar este atual panorama do lazer na cidade de Lunardelli seria promover uma maior participação social por parte dos adolescentes na criação das políticas direcionadas para os mesmos. Tendo em vista que estas políticas são criadas para os adolescentes e não com os adolescentes, e se apresentam como uma possibilidade muito interessante perguntar aos próprios adolescentes suas concepções e preferências sobre os temas debatidos.

Entretanto, esta não pode ser apenas uma simples consulta, um diagnóstico acerca das suas perspectivas, os adolescentes precisam passar por um processo de aprendizagem e de expansão de suas experiências sociais, para constituírem repertório cultural para a interferência efetiva nos rumos da constituição das políticas que os afetam.

A partir da pesquisa realizada, abrem-se as portas para a possibilidade de desenvolvimento de novos trabalhos que tratam o tema do lazer e que poderiam dar continuidade para esta pesquisa. Uma possibilidade interessante de pesquisa a ser desenvolvida seria uma na qual objetivasse diagnosticar esta mesma dimensão da vida dos sujeitos, mas agora o público alvo seriam adolescentes praticantes de esportes coletivos da cidade de Lunardelli do sexo feminino. Com uma pesquisa deste cunho seria possível abrir caminho para estabelecer comparações do lazer e expectativas de lazer dos adolescentes em função do sexo. Comparar e analisar se existem diferenças nas formas de possuir o lazer em outros grupos é importante, pois sabendo que o lazer é um direito inerente a todo cidadão brasileiro, estudar este tema se apresenta uma ótima opção para embasar políticas de lazer.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Trabalho. In: GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. – Belo horizonte: Autêntica, 2004. 240 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARTIJOTTO, J. **O discurso sobre o ato infracional materializado no Estatuto da Criança e do Adolescente**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014. Acesso em: 21/07/2015. Disponível em:
<file:///C:/Users/Paulo/Downloads/JulianaBartijottoVersaoCorrigida.pdf>

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil**. São Paulo, 2013. Acesso em: 30/08/2014. Disponível em:
<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/Constituicoes_declaracao.pdf>

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. – 7. ed. – Brasília: Câmara dos deputados, Edições câmara, 2010. 225 p. Acesso em: 30/08/2014. Disponível em:
<file:///C:/Users/Convidado/Downloads/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf>

CONANDA. **Diretrizes nacionais para a política de atenção integral à infância e à adolescência**. Acesso em: 21/07/2015. Disponível em:
<http://www.oei.es/inicial/politica/diretrizes_atencion_infantil_brasil.pdf>

COSTA NETO, A. C. **O lazer como direito fundamental: Problemas de justificação e garantia**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010. Acesso em: 24/07/2015. Disponível em: <
<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/bitstream/tede/4443/1/arquivototal.pdf>>

FRENCH, Steven. **Ciência: conceitos-chave em filosofia**. Trad.: André Klaudat. Porto Alegre: Artmed, 2009, 196 pp. Acesso em: 27/01/2016. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=v4IbUgvfuNIC&pg=PA26&lpg=PA26&q=n%C3%A3o+importa+quantos+cisnes+brancos+bertrand+russel&source=bl&ots=u5yn2aoSdb&sig=FTwx5dayTue1SiZsB_v4IbdqR8E&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiR8b7UjM3KAhWLG5AKHZHsAYIQ6AEIHjAA#v=onepage&q=n%C3%A3o%20importa%20quantos%20cisnes%20brancos%20bertrand%20russel&f=false>

GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. – Belo horizonte: Autêntica, 2004. 240 p.

GOMES, C. L. W. Reflexões sobre o "não trabalho": o lazer como direito social e possibilidade de produção de cultura. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 8, jan/jun - 2001. Acesso em: 09/01/2016. Disponível em <
<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/1667/1262>
>

LIMA, D. M. M. C. **O espaço de todos, cada um no seu lugar**: O uso dos espaços públicos destinados ao lazer em Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006. Acesso em: 24/07/2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13753/1/DaliaMMCL.pdf>>

LYRA, J. et al. **“A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete”**. **Adolescentes**: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 9-21. Acesso em: 18/07/2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12000.pdf>>

MACHIESKI, E. S. **Crianças e adolescentes na página do jornal: uma infância perigosa ou uma infância em perigo?** Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Acesso em: 22/07/2015. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3302>

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3º ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes).

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. – 13. ed. – São Paulo: Hucitec, 2013. 407 p.

MORELLI, A. J. A Criança Diante da Lei. In: MORELLI, A. J; MULLER, V. R. (orgs). **Crianças e adolescents**: A arte de sobreviver. Maringá: Eduem, 2002. p. 47-92.

NATALI, P. M. **O lúdico em instituições de educação não-formal: cenários de múltiplos desafios, impasses e contradições**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

NETO, V. M; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física**: Alternativas metodológicas. 3. ed. Porto alegre: Sulina, 2010. 176 p.

PADILHA, V. O lazer contemporâneo: ensaio de filosofia social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.147-166, maio/agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2843/1455>> Acesso em: 10/07/2015.

PINHO, Wagner L. P. **Vivência do lazer na adolescência**: A desigualdade social e o furto do lúdico. Montes claros, MG. Novembro/2007. Acesso em: 15/11/2014. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/Lazer-na-adolescencia.pdf>
PIMENTEL, G. G. A. **Teorias do lazer**. Universidade Estadual de Maringá, 2010. 206 p.

SANDRINI, P. R. **O controle social da adolescência brasileira: gênese e sentidos do estatuto da criança e do adolescente**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências

Humanas/Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92542/270935.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10/07/2015.

Anexos

Anexo 01

**Universidade Estadual de Maringá - CRV
Centro de Ciências e da Saúde
Departamento de Educação Física**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho(a) na pesquisa intitulada “*O lazer dos adolescentes de Lunardelli- PR: contextos e perspectivas*”, que faz parte do curso de Educação Física e é orientada pela professora Ms. Paula Marçal Natali da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é verificar as atividades de lazer praticadas pelos adolescentes e averiguar quais as expectativas dos mesmos acerca do lazer. Para isto a participação de seu filho(a) é muito importante, e ela se daria na forma de respostas para uma entrevista semiestruturada, a fim de diagnosticar quais as atividades de lazer desenvolvidas por ele e por mais quatorze adolescentes que praticam esportes coletivos. Estas entrevistas serão gravadas pelo pesquisador e posteriormente transcritas. Salienta-se que a identidade de seu filho será sigilosamente preservada, pois nas transcrições das entrevistas não será identificado o nome dos adolescentes entrevistados e, as transcrições das entrevistas serão utilizadas apenas para fins de divulgação e publicação técnica e/ou científica da pesquisa, solicitando assim a sua autorização para o uso dos dados coletados apenas com este fim. Todas as informações coletadas serão descartadas após a utilização no estudo, no caso as fitas e transcrições serão destruídas. Informamos que os procedimentos não envolvem riscos (inaceitáveis), pois não se tratam de medições invasivas e o(a) senhor(a) terá a liberdade de recusar ou retirar o consentimento, a qualquer momento, sem penalização alguma. Gostaríamos de esclarecer que a participação de seu filho(a) é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou à de seu filho(a). Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade, sua e a de seu (sua) filho(a). Os benefícios esperados são, que a partir do entendimento de que o lazer é uma área que está em constante crescimento em nosso país e que mesmo sendo um direito de todos por vezes acaba sendo negado a alguns,

esta pesquisa pode contribuir para a conscientização do tema e também para a consolidação da produção científica na área. Sendo assim, se torna imprescindível estudar as características que norteiam o lazer de um determinado grupo de adolescentes praticantes de esportes coletivos moradores da cidade de Lunardelli – PR. Ao término da investigação, pretendemos conhecer como se configura o lazer dos adolescentes e quais suas expectativas sobre o tema. O(a) senhor(a) estará contribuindo de forma única para o desenvolvimento da ciência, dando possibilidade a novas descobertas e ao avanço das pesquisas, em particular, contribuirá sobremaneira para a investigação ora proposta.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do responsável pelo menor) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof Ms Paula Marçal Natali.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Campo para assentimento do sujeito menor de pesquisa (para crianças escolares e adolescentes com capacidade de leitura e compreensão):

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa /menor de idade) declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu pai/mãe (responsável) concorde com esta participação.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Paulo Ricardo de Oliveira, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Paulo Ricardo de Oliveira

Endereço: Rua Manoel Barbosa de Souza, 722, Lunardelli – PR.

(telefone/e-mail): paulo_gabriel55@hotmail.com

Fone: (43) 8411-6983

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

Anexo 02

Roteiro para a realização das entrevistas semiestruturadas:

1. Qual sua rotina de atividades durante a semana (durante o período da manhã, tarde e noite)? E aos finais de semana?
2. O que você entende por lazer?
3. Quais atividades de lazer você realiza? Em que horário você realiza estas atividades?
4. Você desenvolve algum tipo de trabalho? Se sim, qual? Quantas horas do seu dia são tomadas por essa atividade?
5. Você conhece os espaços públicos de lazer da sua cidade? Se sim, você utiliza estes espaços de lazer? O que você pode dizer/sua opinião sobre eles?
6. O que você desejaria realizar em seu tempo livre e que a sua cidade não oferece?
7. Quais atividades de lazer você gostaria de desenvolver em seu tempo livre? Qual é o motivo que o impede de desenvolvê-las?
8. Você sabe quanto é a renda mensal de sua família?

Anexo 03

Parecer de aprovação do projeto no Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – COPEP

Título da Pesquisa: O LAZER DOS ADOLESCENTES DE LUNARDELLI – PR: CONTEXTOS E PERSPECTIVAS

Pesquisador: PAULA MARÇAL NATALI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 43117315.7.0000.0104

Submetido em: 05/03/2015

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Situação: Aprovado

Localização Atual do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Anexo 04

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS REGIONAL DO VALE DO IVAÍ

Autorização

A prefeitura Municipal de Lunardelli – PR, autoriza o pesquisador Paulo Ricardo de Oliveira, portador do cpf 097.551.819-46, orientado pela Professora Ms. Paula Marçal Natali a realizar a pesquisa intitulada como: “*O Lazer dos adolescentes de Lunardelli – PR: contextos e perspectivas*”, com os adolescentes praticantes de esportes coletivos no âmbito municipal. Esta pesquisa buscará investigar o lazer de adolescentes praticantes de esportes coletivos da cidade de Lunardelli com o objetivo de realizar a pesquisa de trabalho de conclusão de curso em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá - CRV.

Lunardelli, 20 de DEZEMBRO 2014.



Almir Rogério Santos
(Secretário de esportes)